



DEBATE SOBRE A REUNIÃO DO CONSELHO EUROPEU

Assembleia da República, 22 de Março de 2022

Intervenção do Deputado Rui Rio (PSD)

Senhor Presidente
Senhor Primeiro Ministro e demais membros do Governo
Senhoras e senhores Deputados

A guerra que a Rússia desencadeou não é apenas uma ação beligerante contra a Ucrânia. É uma guerra contra os valores da liberdade, da democracia, da autodeterminação dos povos e da livre cooperação entre nações.

É, por isso, uma guerra contra nós; contra a Europa, contra a NATO, contra todo o mundo civilizado.

É uma guerra que agride brutalmente os valores da paz e da concórdia. Valores, que se consolidaram com os ensinamentos da História após as guerras mundiais do século XX e, muito em particular, após os crimes hediondos da ditadura nazi.

São esses valores que estão na génese da criação da Europa Unida e do projeto que é hoje protagonizado pela União Europeia.

Por isso, esta guerra de postura imperialista, por ser totalmente desadequada aos tempos que vivemos, produziu já efeitos rigorosamente contrários aos desejados pelo ditador russo.

Produziu uma maior unidade dentro da União Europeia, um maior apoio popular à NATO e uma grande antipatia mundial para com a Rússia.

E reforçou, também, a consciência de nação entre os ucranianos e o início do caminho da Ucrânia em direção à União Europeia.

Reforçou tudo o que Putin pretendia enfraquecer.

Mas esta invasão, produziu, também, milhares de ucranianos e russos mortos, e um sofrimento desumano para milhões de pessoas.



A Europa tem, por isso, de dar a resposta mais eficaz e mais inteligente que estiver ao seu alcance.

As sanções económicas, o apoio militar e social à Ucrânia, o confisco sobre os oligarcas russos, o apoio aos refugiados, assim como o isolamento da Rússia a todos os níveis - e não apenas no que é mais mediático - tem de ser uma realidade cada vez mais forte e mais evidente.

As sanções económicas à Rússia têm, naturalmente, um efeito boomerang.

Aos que hoje exigem as sanções mais pesadas, mas que amanhã não se vão coibir de entrar em contradição, contestando os seus efeitos, temos de explicar que este é o preço indispensável que temos de pagar pela nossa segurança futura, pela defesa da liberdade e pela solidariedade com quem tanto está a sofrer.

Por isso, a todos se exige sentido da responsabilidade.

Ao Governo, que tem de estar capaz de tomar as medidas corretas para atenuar as consequências negativas da guerra.

Aos que se lhe opõem, porque temos de ter a consciência de que devemos criticar o que não estiver bem, mas sempre sem cair na tentação de um aproveitamento populista da situação que estamos a viver.

A derrota da Rússia passa, em larga medida, pela força e unidade da opinião pública; em particular, da opinião pública europeia. Temos, por isso, o dever democrático de, em conjunto, tudo fazer para conseguirmos preservar essa unidade.

É, justamente, com essa preocupação em mente, que o Governo devia renunciar aos ganhos fiscais extraordinários que a subida do preço do petróleo lhe está a trazer.

Ao ainda não ter baixado nessa exata proporção os impostos sobre os combustíveis - que, desde 2016, por sua responsabilidade, sofreram um enorme aumento - o Governo está a originar um descontentamento popular, que, em nada, contribui para o empenho dos portugueses no seu apoio às sanções económicas aos agressores.

O Orçamento do Estado em vigor foi elaborado em fins de 2020, com o preço do crude em cerca de metade dos valores da sua atual cotação. É, pois, de elementar justiça que a carga fiscal baixe para o nível de receita inicialmente previsto.

Mais do que isso, não é justo nem é adequado aos objetivos políticos e económicos que, neste momento, Portugal e a Europa devem prosseguir.



Senhor Presidente

O PSD está, obviamente, concordante com o Conselho Europeu em matérias como a construção de uma verdadeira Política de Defesa Comum e o consequente reforço das suas dotações orçamentais, a eliminação da dependência energética relativamente à Rússia ou a necessidade de autossuficiência europeia em matéria alimentar.

É assim, porque estamos, como sempre estivemos, do lado do projeto europeu, que é, como disse, um projeto que nasceu para a preservação da paz, da liberdade e da concórdia.

Um projeto que se revê, mais do que nunca, na famosa frase, daquele que é a mais absoluta antítese de Vladimir Putin, o líder indiano, Mahatma Gandhi:

“Conheço muitas razões pelas quais morreria, mas não conheço nenhuma pela qual mataria.”